

A CRIANÇA NARRADORA E AS NARRATIVAS DE TRADIÇÃO ORAL

Cristiane do Socorro Gonçalves Farias¹

RESUMO

Este artigo busca suprir uma lacuna na produção acadêmica, haja vista a escassez de trabalhos abordando a temática sob o ângulo do narrador infantil. Porém, para isso, faz-se necessário o trabalho da escuta por parte desta pesquisadora. Para tanto, trago uma narrativa sobre a Cobra grande e outra do Boto contada por uma criança ribeirinha do rio Canaticu, em Curralinho na Ilha do Marajó. Nesse percurso, busco amparo nas leituras de Zumthor (1993) para entendermos as narrativas de tradição oral, Benjamin (1993) para (re) conhecermos nas crianças a figura de um narrador tradicional e Bachelard (2006) para discutirmos o imaginário.

Palavras-chave: Narrativa oral. Crianças ribeirinhas. Imaginário.

ABSTRACT

This article seeks to fill a gap in academic production given the scarcity of works addressing the theme from the angle of the child narrator. However, for this, it is necessary the work of listening on the part of this researcher. To do so, i bring a narrative of Big Snake and another of Boto told by a river child of the river Canaticu, in Curralinho on the Island of Marajó. Along the process, i seek amparo in Zumthor's publications (1993), for a better understanding about oral tradition-based narratives. Benjamin (1993) to recognize on the children a traditional-style narrative, and Bachelard (2006), to reflect the imagination.

Key-words: Oral narrative. Children. Imagination.

1. CRIANÇA: SUJEITO NARRADOR APRENDIZ

O ser humano é inserido precocemente no mundo das histórias, e essa precocidade pode advir da nossa predisposição pela narrativa que é entranhada em nossas experiências neste mundo. Desde o início dos tempos, conseguimos externar formas de narrar o que nos afeta. Por meio da história sobre o desenvolvimento do Homem, dos estudos que objetivavam desvendar os mistérios sobre nossos antepassados, é que conseguimos entender como a narrativa é algo essencial para a vida na terra.

Desde os tempos primórdios, já sentíamos a necessidade de contar sobre algo, sobre o nosso trabalho, nossas relações, enfim, dar significado para a vida aqui na terra. Essa vontade de contar foi apurada por meio da voz, mostrando-se uma maneira de expor e interpretar essas próprias relações humanas com o meio em que está inserido junto a outros sujeitos. A narrativa tornou-se um instrumento de perpetuação da humanidade, assim como toda e qualquer arte, as narrativas orais são fundamentais para um favorável crescimento pessoal e

¹ Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia PPLSA/UFPA. E-mail: kissfarias@hotmail.com

social, se a enxergarmos com os olhos da compreensão e levando em conta a realidade cultural. Dessa maneira, as narrativas das crianças precisam ser ouvidas como um instrumento que mostre ao outro o seu papel, a sua linguagem no processo de interação com o seu espaço. É por meio das narrativas que nos constituímos também como sujeitos sociais.

As produções culturais das crianças precisam ser apreendidas como forma de estar no mundo, de como são inseridas no meio e de como o meio interage com elas. Nesse sentido, tentar entender o caminho das produções de relações, intervenções, subjetividades e até mesmo de interpretação é tentar entender juntamente o grupo social, o espaço e o tempo como um todo, mas por um olhar sensível.

Por esse rio que estamos embebidos, em se tratando da Amazônia, é que parto em busca das crianças que por muito tempo estiveram apenas no papel de receptores de histórias, ouvintes, mas que se constroem, constroem seus mundos e suas identidades a partir da convivência e interações com o outro, com a sua realidade, pois “os dados da história, como realidade empírica, pertencem à realidade histórica do indivíduo” (SIMMEL, 1983, p. 16). Sendo assim, são vivências dando enfoque às poéticas da oralidade, salientando a voz da criança narradora, por meio das histórias orais.

A criança aprende por meio da Linguagem e interação com o outro, seja de maneira formal, na escola, ou por meio ditos “informais”, em casa com a família, com os amigos. Dessa interação, vai montando seu próprio repertório: histórias ouvidas, histórias resultados da sua própria experiência de vida, histórias que marcam, carregadas de traumas. Histórias de algo acontecido na escola, de suas brincadeiras, dos problemas familiares, dos seus anseios, das suas angústias, de um sonho da noite passada, de uma tarefa realizada, enfim, em diversas situações em que o ato de narrar é a ponte que transporta a criança para outros caminhos: a imaginação e a memória. Aqui em especial, ela constrói seus textos no momento em que exerce o papel de ouvinte, e por alguns instantes toma o ato de contar, a palavra para si.

No decorrer das pesquisas em busca de teorias que orientassem para o estudo com crianças narradoras, é perceptível que tal tema ainda é discutido a passos lentos dentro de diversas áreas do conhecimento. Tendo em vista, que por muito tempo, a criança não era percebida como sujeito confiante de pesquisas.

Os bancos de dados pesquisados, como o banco de teses e dissertações no Domínio público, e do portal da Capes, na área de Letras é nítido um vasto volume de trabalhos direcionados aos adultos como narradores tradicionais. Em uma breve pesquisa nesses portais, constatou-se que trabalhos com as narrativas orais das crianças, são comuns na área de Educação, Psicologia e Antropologia. Ainda por cima, muitos pesquisam as narrativas orais

contadas por adultos e para as crianças, e raros trabalhos acadêmicos que tragam a criança como narradora. Como nos ratifica Hartmann:

A perspectiva de estudar a produção e a *transmissão de narrativas orais que tem como sujeitos as crianças se não é, inteiramente nova, tem sido pouco explorada, [grifo meu] não apenas por pesquisadores das áreas de artes, como também das áreas afins como antropologia, sociologia e educação. O crescimento do campo da antropologia da criança, da sociologia da infância e dos estudos da infância na educação, embora ainda não tenha modificado substancialmente esse quadro, já começa a delinear um caminho fértil de investigação. (HARTMANN, 2013, p.53).*

Os poucos trabalhos que trazem a criança como sujeito narrador, a criança narradora da sua própria experiência, é uma das preocupações da pesquisadora anteriormente citada: “o dossiê parte da constatação de que embora exista um vasto acervo de pesquisas e produções acadêmicas sobre narradores adultos e sobre histórias contadas para crianças, pouco ainda tem se tido focado a produção narrativa das crianças” (grifos da autora) (HARTMANN, 2015, p.08).²

Historicamente, é atenuante uma “invisibilidade” Hartmann (2016, p.08), quando nos reportamos à criança. A pesquisadora continua a reflexão explicando que a “invisibilidade” pode partir do significado da palavra infância, etimologicamente oriunda do Latim; percebe-se que *infans* refere-se a “aquele que não fala” o que é “mudo”. Contudo, aqui, enveredamos pelo conceito de criança, que também vem do Latim - *Creantia*. O vocábulo é participio presente neutro plural de *creare*, “criar, fazer, crescer”, ou seja, o ser humano que cresce e tem capacidade de criar, em especial, a criança que narra, produtora de sua própria narrativa, criativa.

Chevalier & Gheerbrant, referem a criança como símbolo da inocência, em outras palavras, o estado anterior ao pecado, aproximando-a ao estágio embrionário que leva à infância e, por sua vez, é símbolo de simplicidade e espontaneidade: “a criança é espontânea, tranquila, concentrada. Sem intenção ou pensamentos dissimulados” (Lao-tse, 55 comentado em Tchuang-tse, cap. 23) (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2012, p. 302). Uso se iguala ao falar em inocência e espontaneidade e acrescenta de forma sucinta que a criança “também é símbolo do princípio e da plenitude das possibilidades” (UDO, 1999, p.77). É partindo dessas interpretações que este trabalho faz sua trilha.

Benjamin, ao falar sobre suas memórias, refere uma outra perspectiva por meio de seus olhos de infante. E percebe o quanto os adultos tomam decisões sobre o mundo das

² A autora refere-se ao dossiê sobre as narrativas orais infantis organizado pela Revista Boitatá nº 20. A informação pode ser acessada em: <<http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.inf.br/revista/edicao/numero-20- semestre-jul-dez-2015>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

crianças. No entanto, os adultos, não percebem que elas os imitam, fazendo uso de seus objetos descartados, coisas mais simples, como restos de materiais: “assim, as crianças criam, elas próprias, o seu mundo e das coisas, um mundo pequeno dentro do grande mundo” (BENJAMIN, 1992, p.46).

Nesse sentido, refletimos sobre a maneira como as crianças vivem o mundo das narrativas de tradição oral. O que nós adultos descartamos na hora de contar e as crianças (re) aproveitam? A criança é metáfora do poeta que vê na palavra a sua liquidez, pois é nessa fase da vida que o ser humano se sente mais liberto: “na nossa infância, o devaneio nos dava a liberdade”, conforme Bachelard (2006, p. 95). Além disso, para Zumthor (2010), a relação das vozes ultrapassa algo, nos explica o quanto são poderosas e vão além da palavra essas vozes. Essas narrativas precisam ser ouvidas como um instrumento que mostre ao outro o seu papel, a sua linguagem no processo de interação com o seu espaço.

2. O ENCONTRO: UM BREVE RELATO DE CAMPO

Trabalhar as narrativas orais das crianças, surgiu a partir da minha dissertação, na qual escrevi sobre os velhos narradores ribeirinhos, em 2014, no programa de pós-graduação Linguagens e Saberes na Amazônia pela Universidade Federal do Pará campus Bragança. O objetivo da dissertação era fazer uma cartografia das narrativas ainda contadas ao longo do rio Canaticu³, rio pertencente ao município. O trabalho todo foi feito com mais de vinte narradores, no entanto, fez-se necessário o recorte, tanto de narrativas, quanto de narradores. A dissertação ficou com seis narradores e 24 narrativas cartografadas na comunidade da Calheira no baixo rio Canaticu.

Ao voltar ao material coletado durante o percurso da pesquisa, foram encontrados no caderno de campo, breves relatos dos encontros com as crianças, além de dois áudios gravados com as vozes delas no momento da escuta das narrativas com os velhos. As participações surgiram de forma espontânea, sem provocação por parte da pesquisadora, a não ser pela curiosidade e atenção delas em relação às histórias contadas naquele instante.

Um destes áudios tem uma participação muito rápida, apenas complementa a voz do velho narrador, ao lembrar-lhe detalhes da história contada. O avô explicou que ela já havia ouvido de seu pai aquela narrativa. No segundo áudio, de 3 minutos e 39 segundos, a outra criança, que estava perto de outro narrador, em outro encontro, conta duas narrativas na

³ Rio pertencente ao município de Currealinho.

íntegra. É este segundo áudio que impulsiona esta escrita sobre as narrativas orais das crianças.

A dissertação, anteriormente citada, enveredou-se pela pesquisa qualitativa, a qual caracteriza-se pela coleta de dados junto às pessoas envolvidas no processo. Mais especificamente a pesquisa participante. A característica basilar desta é o envolvimento e o reconhecimento do pesquisador com os sujeitos envolvidos. Ocasionalmente, mexe com a subjetividade, como percebemos na experiência de Brandão (2007, p.12): “por outro lado a experiência de trabalho de campo, tem uma dimensão muito intensa de subjetividade”. Para o autor, essa intensidade acaba, por vezes, redefinindo o método da pesquisa, “a própria experiência do trabalho de campo redefiniu projetos, redefiniu hipóteses de trabalho, redefiniu abordagens metodológicas e assim por diante” (ibidem).

Apesar de não se tratar de um trabalho etnográfico, essa metodologia se fez necessária por conta do objetivo em traçar uma cartografia do que narravam os velhos ribeirinhos marajoaras. Sendo assim, se fez imprescindível a presença da pesquisadora, para que houvesse a confiança da comunidade, dos sujeitos pesquisados e, confiança essa que só foi alcançada pelo tempo de interação, o qual foi de dois meses entre idas e vindas ao *Locus*.

Como estratégia para a construção da cartografia das poéticas orais, foi utilizado a entrevista aberta, onde pedíamos que nos contassem suas histórias de infância, de trabalho, da família, enfim, relatos de vida. Em muitos casos não se fez necessário o direcionamento para as narrativas mitopoéticas, pois elas vinham imbricadas nessas histórias. Para dar-se conta dos registros das narrativas, das imagens, alguns equipamentos foram necessários como: gravador, máquina fotográfica e um caderno de campo.

3. AS NARRATIVAS

Na sequência, são apresentadas as reproduções, das narrativas apresentadas pela criança de aproximadamente 11 anos, com a qual conversei no intervalo da entrevista com o “seu” Souza, em fevereiro de 2015, quando da coleta de dados para a dissertação de mestrado, conforme explanado anteriormente. Como forma de elucidar a etapa da transcrição do oral para o escrito, esclareço que o foco são as narrativas em si, e não questões pertinentes à linguística. Para tanto, não fiz correções no que tange à gramática, as variantes estão da maneira como a criança apresentou. As pausas feitas pela criança, são representadas por meio das reticências, as quais marcam a suspensão das suas falas. Outro ponto utilizado é o ponto de exclamação, o qual se aproxima da demonstração de sua emoção ao contar a história.

4. A COBRA-GRANDE

E relação à narrativa da Cobra Grande, os registros podem variar, dependendo da fonte de onde são ouvidas. No entanto, a vertente mais conhecida é da mulher que dá à luz a duas cobras, que em seguida são batizadas e jogadas no rio, uma cobra macho e uma cobra fêmea, uma boa e outra má. Também podemos encontrar narrativas da Cobra Grande em que se mostra como um lindo navio muito iluminado que some em instantes. Da Cobra Grande que abre furos e igarapés por conta do seu tamanho. A Cobra que tenta afundar embarcações, entre tantas outras⁴.

Aqui, a criança que estava junto à pesquisadora e também escutava as histórias de “seu” Souza, no momento em que ele se ausenta, diz saber duas histórias que aconteceram com sua própria mãe. O pedido para que gravássemos veio espontâneo e começa com a narrativa da cobra:

Narrativa contada pela criança

A mamãe tava no casco e a cobra buiou por baixo... Ai, ela teve o neném e a cobra. Os enfermeiros de lá queriam matar a cobra! Ai, ela soltou... Passou um tempo a cobra cresceu. Ai... Ela tava atravessada no igarapé, o igarapé grande, na ilha da Mucura. Ai... Ela apareceu pra mamãe...Monstra! Chega ela chupava o casco pra trás, e a mamãe:

–Remem, meus filhos, remem! Olhem essa Cobra Grande!

Ai, de noite ela veio pra mamãe:

–Desculpa, mãe! Era eu que tava me apresentando!

Mas ela disse pra mamãe no sonho dela noutra dia, que era pra ela tirar um pouco de leite do peito dela pra ela jogar em cima da cabeça que ela desencantava. Era uma menina linda!

A mamãe não teve coragem... Eu disse pra mamãe:

–Se fosse minha filha eu ia desencantar!

Eu já falei pra mamãe... Quando nós for pra ilha pra ela fazer isso. Ao menos pra desencantar a mana do fundo! Ela é grandona... Dessa grossura (abre os braços) atravessava o igarapé, chega o rabo dela ficava enrolado, a cabeça dela ia lá no alto. Ainda falei:

–Mãe! Faz isso pra desencantar a mana!

–Eu não vou fazer! Ela ainda me morde! (Dá uma risadinha)

–Deixe de ser medrosa... Faz isso! Ela disse que vai pensar...

Nessa história, a criança nos mostra algumas características próprias das narrativas de Cobra Grande, como dito antes: a gravidez da mãe, o rio, o igarapé, a grandiosidade do animal, o sonho. Entretanto ela nos mostra que sabe o momento exato da gravidez: o instante

⁴ Essas vertentes são provenientes da experiência de escuta com os velhos narradores na Vila Calheira no Rio Canaticu, Curralinho-Marajó, que resultou no livro: Imaginário da ilha: o Marajó das histórias e memórias (FARIAS, 2017, no prelo)

em que a cobra passa por debaixo da canoa em que a mãe estava. Na hora de dar à luz, não nos aparece a figura da parteira e sim de um enfermeiro, “de lá”, o pronome demonstrativo reforça o local em que tudo aconteceu.

A criança mesmo não sabendo a quantidade de tempo que havia passado deduziu que a cobra cresceu. Para ela, a cobra está tão grande que sente a necessidade de dimensionar igualando seu tamanho a largura de um igarapé, “igarapé grande” pois ela era muito grande “monstra”, ou seja, maior do que possamos imaginar, assemelha a um monstro.

O sonho é uma característica comum. É o elo entre a filha cobra e a mãe, sendo que esta não teve coragem de desencantar aquela. A partir daqui, podemos perceber o carinho da criança narradora pela suposta irmã cobra, repreendendo a mãe da narrativa por sua covardia e termina a narrativa de forma inusitada: a cobra pode ser desencantada a qualquer momento, pois a mãe ainda vai pensar na possibilidade do desencantamento de sua irmã.

A história em questão não termina como costumamos ouvir, a cobra não dobra seu encanto. Para a criança há possibilidade de desencantamento, uma continuidade possível da narrativa para um outro possível final, pois a mãe ainda irá pensar no assunto, dando esperanças à criança.

Benjamin (1993, p. 221), afirma que o narrador é um bom conselheiro: “Ele sabe dar conselhos”. Sabemos que é por conta da experiência de vida, pela sabedoria que adquire com elas. Acresce que, a criança neste contexto, apesar de não ter tantos anos de experiência de vida, como tem um velho, aconselha a mãe a ter coragem de agir e desencantar sua irmã, e essa não a escutou. Para Bachelard (2006, p.97), a “criança enxerga longe, a criança enxerga belo. O devaneio voltado para a criança nos restitui à beleza das imagens primeiras”. São as belezas que perdemos quando adultos, em um mundo que nos tira por completo a cor das coisas ao nosso redor, mas que as crianças conseguem enxergar.

5. O BOTO

O boto é um animal que desde sua origem carrega simbologias, e por ser comum nas águas doces, as histórias envolvendo-o, são narrativas em que é frequente acontecer a metamorfose. Sendo a narrativa mais recorrente do Boto, peixe pertencente à família dos cetáceos, é o animal que também está presente nas narrativas ribeirinhas, sua aparição, na maioria das vezes, é a figura do conquistador, do rapaz bonito, com vestimentas brancas, adentra uma festa e acaba por encantar as moças. A moça que ele conquista, fica apaixonada e grávida do Boto que some nas águas.

Em uma das variantes, o boto, transforma-se em homem, e aproveita a ausência do marido que sai para pescar a noite, para encantar a mulher, que na maioria das vezes, está de resguardo, com criança pequena. De acordo com as narrativas, a intenção do Boto, é manter relação sexual com a mulher, ou raptar o recém-nascido⁵. As narrativas envolvendo boto são bem comuns em comunidades que vivem às margens dos rios. Acredita-se aqui, na possível transformação dos seres não humanos em humanos, para demonstrar a maneira como os homens enxergam o espaço em que estão inseridos.

A narrativa a seguir, do Boto, faz parte também do áudio da criança que escutava as histórias de “seu” Souza. Antes de começar a gravar, a criança disse que sabia duas histórias. Entretanto, pareceu esquecer a segunda. Por este motivo na narrativa a seguir, a pesquisadora instiga a criança com perguntas. As perguntas estão com a mesma fonte do corpo do texto, mas a história da criança continua em itálico, para dar mais destaque.

Então, pergunto a ela sobre a história do boto que falou antes de gravarmos:

Narrativa contada pela criança

E a história do Boto?

O boto? Tá aí pelo fundo!

Como foi?

O Boto passou por debaixo do casco, aí a mamãe já ficou grávida. Ela tava grávida do meu pai.

Ela já estava grávida de seu pai?

Já. Aí ela tava grávida. Aí, o boto passou e nasceu: pra cá pra baixo Boto e pra cima era do papai, gente! Aí ela soltou!

Eu falei pra ela soltar isso! Era meu ir... (nesse momento ela para, pensa e continua) um piqueno⁶! Não sei se era menino ou menina!

Esse veio no sonho?

Não. Só a cobra!

A circunstância da gravidez da mãe da criança nessa narrativa foi muito parecida com a história da Cobra Grande, mas agora a mãe já estava grávida de seu marido quando o Boto passa novamente por baixo de sua canoa. Há casos de interdito em que a relação física não se consuma, sendo suficiente a proximidade entre o animal”. É o que a criança nos relata aqui, não houve a relação física direta.

A mãe tem no seu ventre alguma coisa que não é aceito pela criança, porque percebemos que nessa narrativa ela não consegue chamá-lo de irmão. No momento em que iria pronunciar a palavra irmão, ela substitui por “piqueno”. Essa palavra, no contexto da

⁵ Esses relatos são provenientes da pesquisa de campo de umas das pesquisadoras no momento da feitura da dissertação: UM RIO DE MEMÓRIAS, UM RIO DE HISTÓRIAS: um estudo sobre o imaginário da vila Calheira no rio Canaticu-Currálinho-Marajó-Pá. Ufpa-2016

⁶ Aqui a criança usa o termo se referindo ao que ela diz ser filho do Boto e do pai.

pesquisa, é usada para nomear sujeitos dos quais não temos intimidade alguma, não se faz nem questão de saber o nome. Do mesmo modo, ao denominá-lo de “isso”. “Eu falei para ela soltar isso”, percebemos que ela não demonstra nem um sentimento de carinho pelo suposto irmão, diferente do que demonstrou ter na narrativa da Cobra Grande. A criança narradora nos traz a história de uma que nasce metade ser humano e metade Boto. Foi essa narrativa em questão que chamou a atenção da filha da pesquisadora, ao concluir que se poderia ser, já que era metade humano e metade peixe.

A narradora também dá um conselho, mas este é para que a mãe o solte no rio, para deixar ir embora. A história do Boto foi contada com o mínimo de detalhes e palavras, parecia que queria terminar o quanto antes. Pareceu que tinha um desgosto face a essa narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conta do propósito de dar destaque à narrativa da criança ribeirinha, e concomitantemente de não se tratar de um trabalho comparativo, este não trouxe outros registros escritos de histórias com as mesmas temáticas analisadas, não somente de narradores tradicionais, mas também de estudiosos na área das narrativas de tradição oral.

Contudo, as narrativas contadas pela criança compõem paisagens que envolvem o imaginário dessa região da Amazônia, onde narrativas de Botos e Cobras Grandes fascinam e ao mesmo tempo amedrontam. Durante o percurso para esse trabalho, apesar de analisar apenas a voz de uma criança, podemos dizer que estamos diante de um imaginário compartilhado por um grupo social, no qual a criança está inserida.

Para Maffesoli (2001, p. 76), o imaginário faz parte de um grupo, e não individual, “o imaginário é um estado de espírito de um grupo, de um país, de um estado, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece um vínculo. É um cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa atmosfera, não pode ser individual”. As narrativas orais emanam lembranças de que muito marcou sua vida. A sabedoria adquirida de sua própria experiência de vida é deixada para o ouvinte por meio da voz.

Para Zumthor (1993, p.09-139), essa voz “é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela e transforma em presença” e continua “As vozes cotidianas dispersam as palavras no leito do tempo, ali esmigalham o real”.

E essas vozes narradoras que sentem a necessidade de existência, como nos diz Zumthor, é que nos possibilitam pensar na presença das vozes das crianças, para então

entendermos, como essas crianças se situam no mundo em que vivem. “É assim que, em parte, que se enriquecem e se transformam as tradições” (ZUMTHOR, 2010, p. 258).

Para isso, faz-se necessário ouvir. É o que está faltando nesse mundo que cresce em um ritmo desacelerado. Temos que voltar a ouvir para (re) aprender a viver o verdadeiro tempo. O tempo de tudo, e o tempo para tudo. O tempo da piracema, o tempo da desova do camarão, o tempo de debulhar, o tempo da roça. O tempo da enchente. O tempo da vazante. O tempo da preamar. O tempo da reponta. O tempo do conto e o tempo da escuta. O tempo da voz das crianças.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Traduzido por: A. P. Danesi. Revisão de tradução A. M. Mouzat, M. Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Traduzido por A. P. Danesi. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

BECKER, Udo. **Dicionário de Símbolos**. Traduzido por E. Royer - São Paulo: Paulus, 1999- coleção dicionários.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Sentido Único e Infância em Berlim por volta de 1900**. Traduzido por C.M. Rodrigues – Lisboa: Relógio D’Água Editores, 1992.

_____. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nicolai Lescov. In Obras escolhidas. 6ª ed. Vol. I, São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças dos velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos de Rodrigues. **Reflexões de como fazer trabalho de campo**. Revista Sociedade e Cultura, V. 10, N. 1, jan/jun, p. 11-27.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos**: mitos sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 26ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2012.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. 2ª ed. ZAHAR, 2005.

FARIAS, Cristiane do S. Gonçalves. **Um Rio de memórias, um Rio de histórias**: um estudo sobre o imaginário da Vila Calheira-Canaticu-Currálinho-Marajó-PA. 164f. Dissertação (mestrado em Letras). Programa de Pós Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. Universidade Federal do Pará-Campus Bragança-PA, 2016.

_____. **Imaginário da ilha: O Marajó das histórias e memórias**. Curitiba: Appris editora, 2017 (no prelo).

HARTMANN, Luciana. **Medo e encantamento em narrativas orais contadas por crianças.** Cerrados. Revista de pós-graduação em Literatura, 2013, p.50-67.

_____. **Equilibristas, viajantes, princesas e poetas:** performances orais e escritas de crianças narradoras. BOITATÁ-Londrina nº 20. Jul-dez. 2015, p.48/67.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica:** uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade.** Revista FAMECOS. Porto Alegre. Nº 15. Agosto de 2001, quadrimestral.

MORAES Raymundo. **Anfiteatro Amazônico.** São Paulo, Cayeiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, s.d.

MIRANDA NETO, Manoel José de. **Marajó:** desafio da Amazônia – Aspectos da reação e modelos exógenos de desenvolvimento. Belém: EDUFPA, 2005.

SIMMEL, Georg. **O estrangeiro.** IN Sociologia. Evaristo de Moraes Filho. (org.). Traduzido por C. A. Pavanelli. São Paulo: Ática, 1983.

VELÔSO, Thelma Maria Grisi. **Pesquisando Fontes Orais em busca da subjetividade.** IN: _____. Oralidade e subjetividade: Os meandros infinitos da memória – Campina Grande: EDUEP, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz:** A “literatura” medieval. Traduzido por A. Pinheiro, J. P. Ferreira – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Introdução à Poesia Oral.** Traduzido por J. P. Ferreira, M. L. D. Pochat, M. I. Almeida- Belo Horizonte- UGMG.2010.

Recebido em: 20 de junho de 2018
Aprovado em 22 de agosto de 2018